



Ordem Imperial e fronteiras, sob Nero, nos *Anais* de Tácito

Ygor Klain Belchior

Mestrando em História pela
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)
ygorklain@gmail.com

RESUMO: O objetivo principal deste artigo é traçar, como as interações sociais entre o imperador e os diversos grupos que compunham a *respublica* poderiam manter ou alterar a ordem imperial. Para isso, devemos debater acerca das estratégias que visavam a manutenção ou a busca dessa “ordem”, como também, as estratégias que levavam a criação de grupos que faziam frente ao poder imperial. Para tanto, iremos estudar a parcela da obra *Anais* de Públio Cornélio Tácito que narra os anos do principado neroniano (XII, 69 a XVI, 35).

PALAVRAS-CHAVE: Tácito, Nero, Ordem Imperial.

ABSTRACT: The objective of this paper is to discuss how the social interactions between the emperor and the other groups that sustain the *Respublica*, could maintain or change the imperial order. So, we will discuss about the strategies aimed at maintaining or search for this "order", as well as the strategies that led to the creation of groups that were against the imperial power (opposition groups). For this, we will study the portion of *Publius Cornelius Tacitus Annals*’, especially the years of Nero’s government (XII - XVI 69, 35).

127

KEYWORDS: Tacitus, Nero, Imperial Order.

Introdução

Nosso propósito nesse artigo é refletir a respeito da ordem imperial e das fronteiras internas ao governo do imperador Nero (54- 68)¹. Nossa opção pelo tema “ordem imperial e fronteiras” está alinhada aos debates realizados pelo LEIR, Laboratório de Estudos sobre o Império Romano, um grupo de pesquisa que abriga seis grandes Universidades Públicas (USP, UFES, UFG, UFRB, UNESP Franca e UFOP) sob coordenação geral do Prof. Dr. Norberto Luiz Guarinello. Para tanto, estudamos a obra “*Anais*”, de Públio Cornélio Tácito, com o intuito de debater acerca do patronato exercido pelo Imperador Nero para com o Senado e as redes de solidariedade internas à corte neroniana. Também contemplaremos a discussão sobre o patronato exercido por outros personagens envolvidos na narrativa Taciteana, como Sêneca, Agripina e Tigelino, que durante o principado exerceram o papel de ordenadores das redes de solidariedades

¹ Todas as datas citadas nesse artigo devem ser lidas como acontecidas depois de Cristo (d.C) ou como acontecidas na era comum.



que compunham o império, função que era própria do Imperador. Ao mesmo tempo, as casas articuladas à casa imperial constituem também redes de clientela.

Estas redes de clientela dos cortesãos aparecem em Tácito com um certo nível de autonomia, inclusive conflitando umas com outras. O quanto esta autonomia não poderia gerar um poder paralelo e superior ao do imperador? O mesmo pode ser perguntado a respeito das principais casas de Roma. Em que medida elas não congregavam interesses próprios e diversos daquela do imperador? O quanto o enfraquecimento da casa imperial não poderia levar os *patroni* de diversas casas a procurar a proteção de uma outra casa importante? Como diferir novos quadros de alianças entre casas de conspirações? Como distinguir os que agem em nome do imperador daqueles que atuam passando por cima da autoridade imperial? Estas perguntas indicam bem um amplo universo de análise colocado pelo texto de Tácito para uma compreensão da dinâmica social sob o principado de Nero.

Assim, podemos inferir que as posições hierárquicas estavam em jogo e o conflito que envolveu tantos chefes de facções somente poderia ser acarretado por grupos que se desenvolveram no seio da política imperial dos Júlio-Cláudios, e não somente paralelamente a ela. Nesse sentido, também podemos pensar que durante o Principado inaugurado por Augusto, os conflitos entre os diversos grupos que compunham a *respublica* eram constantes e faziam parte da “ordem imperial” vigente, inclusive sendo praticados dentro da *domus* imperial. Para tanto, iremos definir o que entendemos como “ordem imperial”.

Ordem Imperial

Antes de debatermos as hipóteses de nosso artigo devemos destacar o que entendemos por ordem imperial. Este conceito busca auxiliar na compreensão sobre a forma pela qual os diversos grupos que compunham a sociedade romana se ordenavam, hierarquizavam-se, e atuavam junto, ou paralelamente ao Estado romano. Nossa hipótese é que esta ordenação se dava em razão da existência de uma posição superior a todos os grupos, que era a do imperador, e que o imperador poderia gerar uma maior ou menor coesão destes grupos em torno de si. Caso esta coesão se tornasse baixa demais, a posição do imperador era colocada em risco e, conseqüentemente, toda a ordenação social também era abalada. Exigia-se, assim, o surgimento de um novo imperador. Chamamos, deste modo, de ordem imperial todos os elementos relativos à ordenação social, sua hierarquia e redes de solidariedade constituídas pelo conjunto das *domus* senatoriais, da plebe e dos exércitos em interação com a casa imperial.



A historiografia sobre a Antigüidade Clássica concentrava-se antes em tentar compreender as sociedades antigas basicamente de duas formas distintas. A primeira delas seria que a formação sociedade romana estaria mais próxima das sociedades modernas. A segunda seria que está sociedade era muito diversa da nossa atual sociedade capitalista. Estes dois grupos estariam divididos comporiam duas correntes de pensamento, sendo elas, respectivamente, os modernistas e os primitivistas.²

Para os primitivistas as sociedades antigas seriam muito diferentes das sociedades modernas, já que não seriam marcadas apenas por uma racionalidade econômica e por um individualismo por demais exacerbado. A lógica que regia essas sociedades antigas estaria baseada em critérios de distinções sociais da honra, principalmente através do acúmulo prestígio, a qualquer custo. Assim, a hierarquia social não se resumiria à capacidade dos indivíduos acumularem recursos materiais, mas em distinções estamentais fundamentadas pelo estatuto jurídico de cada indivíduo.³

Outra tendência de compreensão da hierarquia das sociedades antigas ficou conhecida como os “modernistas”. Reúnem-se sob esta qualificação aqueles autores que criaram um modelo de interpretação das sociedades antigas como sendo regidas por uma racionalidade muito próxima das sociedades modernas. Assim, a hierarquia dessas sociedades seria marcada por diferenças estabelecidas pela capacidade de cada indivíduo acumular os benefícios socialmente produzidos⁴. Na historiografia atual as interpretações que dão mais ênfase ao que nos separa do mundo antigo têm predominado com relação a estas ditas modernistas.

Contudo, segundo Fábio Faversoni, nas interpretações mais tradicionais existem limites muito bem demarcados nos modelos de interpretação da sociedade romana que enfatizam essa “ordem” como fruto de divisões entre classes e estamentos⁵. Mais recentemente, contudo, têm prevalecido interpretações que tomam por pressuposto que a figura do imperador é o elemento fundamental para a ordenação social. A alternativa, segundo o autor, surgiu através dos debates e da contribuição de Moses Finley, Peter Garnsey, Andrew Wallace- Handrill, entre outros

² FAVERSANI, Fábio. *A pobreza no Satyricon de Petrónio*, 1995. Dissertação (Mestrado em História Econômica). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de São Paulo, 1995.

³ Um representante moderno de tal perspectiva é Paul Veyne.

⁴ Um representante moderno de tal perspectiva é G. E. M. de Ste. Croix.

⁵ FAVERSANI, Fábio. “Trimalchio, classe social e estamento”. *Revista de História*, USP, São Paulo, n. 134, p. 7-18, 1996.



pesquisadores que “tem trabalhado com o propósito de apreender a sociedade tornando chave o uso de conceitos como o de patronato”.⁶

Segundo Andrew Wallace- Handrill em seu texto “A corte imperial” (The imperial court), publicado como capítulo na prestigiosa *The Cambridge Ancient History*, a corte imperial romana funcionava à imagem de nosso sistema solar. O sol seria o imperador, fonte de toda a energia (*beneficium*), e as casas senatoriais seriam os planetas que circundavam a esfera solar, e as casas provinciais seriam representadas pelos satélites planetários. Contudo, dentro desse sistema, a energia proveniente do imperador não se propaga no vácuo, mas sim, através de mediadores envolvidos em grandes redes de solidariedades (relação patrono x cliente).

Como podemos perceber a inovação trazida por esse modelo de interpretação é que o patronato passaria a assumir a centralidade nas análises sociais. As interações seriam a chave para compreender a hierarquização e a formação de grupos sociais. A busca pela absorção de uma parcela maior de benefícios era refletida na disputa entre as *domus* senatoriais por uma maior aproximação com a casa imperial e, assim, com a maior quantidade de *beneficia*, cuja fonte exclusiva era a *domus Caesaris*. A busca pela absorção de uma parcela maior de benefícios era refletida na disputa entre as *domus* senatoriais, os exércitos e a plebe por uma maior aproximação com a casa imperial e, assim, com a maior quantidade de *beneficia*, cuja fonte exclusiva era a *domus Caesaris*.

130

A aproximação para com o *princeps* passou a ser a principal via de ascensão social. O estabelecimento de vínculos com o imperador poderia resultar, por exemplo, na ascensão de um liberto com poderes políticos e sociais extraordinários, inclusive a capacidade de exercer o patronato e gerir uma extensa rede de *clientes*. Àqueles que não compartilhavam dos meios que proporcionavam a ascensão social, esse processo poderia acarretar na formação de grupos de oposição. Portanto, estamos diante da criação de laços fundados sobre relações pessoais que se manifestaram, sobretudo, na instituição do patronato. Assim, as redes de clientela controladas pelo imperador seriam fontes de promoção social e aquelas independentes do *princeps* seriam consideradas como grupos de oposição ao menos até o momento que elas gerassem um novo imperador...

Contudo, se todas as posições sociais derivam das relações com o Imperador, como explicar o caso de Clódio Traseia Peto⁷ no relato de Tácito? Como podemos perceber através da

⁶ FAVERSANI, Fabio. As relações interpessoais sob o Império Romano: uma discussão da contribuição teórica da escola de Cambridge para o estudo da sociedade romana. In: Alexandre Galvão Carvalho (org.). *Interação social, reciprocidade e profetismo no Mundo Antigo*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2004.



análise da narrativa taciteana, o fato da posição do Imperador equivaler idealmente à maior grandeza possível faz dela uma medida absoluta da hierarquia, mas não determina todas as outras medidas. As pessoas tinham riqueza, honra e constituíam redes de relações independentes do poder do Imperador. Cabe, assim, estudar essas redes de competição.

Outro problema de difícil solução para esse modelo são as conspirações visando a derrubar o poder do imperador, e como esse sol (*domus Caesaris*) era constantemente apagado e substituído por outra *domus*. Cabe, assim, indagar a respeito da importância e da atuação do patronato na vida política romana sem que se parta do pressuposto de que o império representou uma ordem unipolar.

Para Ronald Syme, cabia ao *princeps* e aos seus *amici* o controle do acesso a todas as posições de honra nas carreiras senatoriais. Para o autor, durante a República, o nascimento em um berço de nobreza, o serviço militar e a distinção no conhecimento das leis e na oratória, eram as condições de acesso a uma importante magistratura. Após a revolução política, a arena de disputa por prestígio e honrarias continua a mesma, porém com uma particularidade, a lealdade e o serviço ao patrono e líder do partido de César passavam a ser essenciais para a promoção pessoal.⁸

“O *princeps* escolhia seus próprios legados”⁹. Essas escolhas por parte do *princeps* abriram uma nova maneira de ascender socialmente. Os legados de Augusto concentravam um enorme prestígio em suas mãos e eram importantes mediadores desse poder, muitas vezes servindo de catalisadores para alianças e promoções pessoais. Esse sistema criou uma grande peculiaridade. As regras para esse jogo político eram claras, “quando o príncipe se ofendesse [com algum cortesão], ele declarava em solenidade que estava revogando o seu favor e a sua *amicitia*, o que marcava o fim da carreira de um cortesão e até mesmo o da sua vida”¹⁰. E, segundo Syme, “a competição política estava esterilizada e regulada através de um penetrante sistema de patronagem e nepotismo”¹¹.

Portanto, nesse modelo, os agentes que compunham a sociedade romana estariam hierarquizados a partir das relações que estabeleciam para com a *domus Caesaris*. Dentro desse

⁷ TÁCITO, Cornélio. *Anais*. Tradução de J.L. Freire de Carvalho. São Paulo: 1952, W. M. Jackson Inc. editores, XIII, 49; XIV, 12; XIV, 48; XV, 20; XV, 24; XVI, 21.

⁸ SYME, Ronald. *The Roman revolution*. Oxford University Press, 1939, p. 369-386.

⁹ SYME, Ronald. *The Roman revolution*, p. 383.

¹⁰ SYME, Ronald. *The Roman revolution*, p. 385.

¹¹ SYME, Ronald. *The Roman revolution*, p. 386.



esquema, teríamos um núcleo de poder que era constante (embora o imperador pudesse ser substituído o núcleo permanecia, somente era ocupado por outro indivíduo) e as *domus* que disputavam uma posição mais proeminente teriam que estabelecer estratégias para se verticalizarem na estrutura social. Afinal, a hierarquização somente se daria através do poder que emanava da posição superior. Cabe ressaltar que da mesma maneira como poderia acontecer após a substituição do centro poder, as *domus* que perdiam sua posição dentro da hierarquia social eram substituídas por outras *domus*, sem, contudo, alterar o sistema.

No entanto, esse modelo que analisa a sociedade romana através de solidariedades verticais, oriundas de um núcleo de poder possui limites muito bem demarcados. Dentre eles, segundo a crítica de Fábio Faversani, é que esse modelo não consegue explicar as conspirações que visavam derrubar o imperador¹². Como veremos adiante, em Tácito, podemos perceber que os agentes conseguiam adquirir honra, riquezas e constituir redes de solidariedade independentes do imperador. Aliás, esses personagens, como o estóico Traséia Peto, são muito utilizados por Tácito para fazer frente ao poder imperial, ou até mesmo são construídos como uma alternativa a esse poder. Pois, carregam elementos da moral e virtudes, que faltavam a esses imperadores.

Outra crítica, feita por Luciane Munhoz Omena é que esses modelos estariam centralizados na elite romana. Eles analisam como os senadores e eqüestres se relacionam com o poder imperial. Mesmo no caso dos libertos que adquirem grande prestígio e uma quantidade enorme de riquezas, como Palas e Narciso (libertos de Cláudio), não deixam de ser parte da *domus Caesaris*, ou seja, eram libertos imperiais. Além disso, outro autor que ilustra nossa asserção é B. H Warmington que defende a proposta de que a presença dos libertos na administração do império levou os cargos administrativos, que eram públicos, a serem reconhecidos como privados da casa do imperador¹³. Contudo, como se daria as relações entre os “setores subalternos” e o núcleo de poder. Como podemos observar no trabalho de Omena, esses grupos deveriam ser incluídos na política do império e eram elementos muito importantes na constituição e na contestação das hierarquias sociais.¹⁴

Nossa hipótese é que as instabilidades políticas, a que estavam sujeitos os imperadores, davam-se em razão das estreitas relações com os diversos grupos que compunham a elite romana e a sociedade romana. Quando os primeiros concediam certos favores a uns e não a outros, isto

¹² FAVERSANI, Fábio. *As relações interpessoais sob o Império Romano*, p. 40.

¹³ WARMINGTON, Brian Herbert. *Nero: Reality and Legend*. London: Chatto and Windus, 1969, p. 24.

¹⁴ OMENA, Luciana Munhoz de. *Pequenos poderes na Roma Imperial: os setores subalternos na ótica de Sêneca*. Vitória: Flor & Cultura, 2009.



era avaliado por cada um dos grupos envolvidos nesse jogo político. Caso a concessão de favores fosse valorada como injusta, alguns grupos poderiam se articular para substituir o imperador, levando ao poder alguém que lhes favorecesse. Por esta via, as instabilidades poderiam atingir níveis críticos, levando a conspirações que acabariam com a morte de alguns imperadores ou, com a perseguição e mesmo destruição de muitas *domus* que se envolvessem nestas conspirações. De um modo ou de outro, as redes de patronato podem gerar alternativamente muitos benefícios para um determinado grupo ou indivíduo, como também a sua completa ruína.

Como foi afirmado anteriormente, os modelos que visam compreender a sociedade romana através da lógica do patronato não privilegiam o estudo da formação de partidos e/ou facções que muitas vezes poderiam se tornar grupos de oposição ao poder imperial. Um dos exemplos dessa preocupação é manifestado por David Konstan em seu livro intitulado “A amizade no mundo Clássico”. Para Konstan, convém estudarmos os diferentes significados do conceito amizade tendo em vista que a amizade é “modelada socialmente” por numerosos fatores, tais como a classe social ou a idade.¹⁵

As redes de solidariedade fundadas na política de patronato estabeleciam vínculos interpessoais entre os agentes sociais, vinculando-os às diversas *domus* senatoriais e à *domus Caesaris*. Baseadas na *fides*, essas relações no mundo clássico são entendidas essencialmente como uma relação pessoal fundada em afeição e generosidade. A reciprocidade não é obrigatória. Contudo, deixar de retribuir um benefício recebido faz com que a relação não se estabeleça. O “bom” *patronus*, assim, distribuiria os benefícios aos seus *amici* ou seus *clientes* através da lógica da reciprocidade, sem esperar pela gratidão, e o “bom” *cliens* receberia seus *beneficia* através dos seus méritos e não através das bajulações.

Contudo, dialogando com Syme, o autor nos mostra que

A coesão das facções políticas romanas dava-se menos pela unidade de princípios do que pelo interesse mútuo e por serviços mútuos (*officia*), seja entre os socialmente iguais na forma de uma aliança, seja de superiores a inferiores, em uma forma tradicional e quase feudal de clientela: em uma avaliação favorável, o laço era chamado de *amicitia*, de outro modo, *factio*.¹⁶

¹⁵ Preferimos colocar os dois termos, facções e partidos, tendo em vista que Tácito utiliza o termo “*partibus*” TÁCITO, Cornélio. *Anais*, I, 2, 1. para descrever que Augusto, após a guerra civil se encontrava à frente do partido Juliano. Já, o termo facção é mais utilizado pela historiografia contemporânea para a análise dos grupos de oposição ao poder imperial. Como exemplo dessa utilização KONSTAN, David. *A amizade no mundo clássico*. Trad. Marcia Epstein Fiker. São Paulo: Odysseus Editora, 2005.

¹⁶ Apud. KONSTAN, David. *A amizade no mundo clássico*, p. 4.



Assim, interpretada de um modo mais amplo como uma relação pessoal assimétrica, que envolve expectativas de intercâmbios recíprocos com um potencial para a exploração, o patronato certamente desempenhava, um papel importante na vida social romana. Seja para a constituição de redes clientelares baseadas na *amicitia* ou nas *factiones*, que estavam também inseridas nesse jogo de disputa por mais prestígio social. Contudo, ainda nos resta indagar a respeito de como essas *partes* eram formadas no seio da *respublica*¹⁷. Como veremos adiante, o historiador latino reconhece esse jogo dentro das relações que eram estabelecidas dentro da *domus Caesaris*, como também, nos exemplifica as disputas que eram manifestadas através clima de constante tensão entre os grupos que se formavam paralelamente ao poder imperial.

Fronteiras internas ao governo de Nero

Ao analisarmos a obra *Anais* de Tácito, podemos perceber a presença de diversas fronteiras internas ao governo de Nero. Uma dessas fronteiras, construída por uma tradição intelectual, vem da crítica historiográfica ao imperador Nero que, após ser investido do título de *imperator*, teria realizado um governo marcado pelas influências de Sêneca, Burrus, Agripina *minor* e Tigelino. Personagens que, por possuírem uma efetiva participação no *consilium principis*, exerciam o poder do Imperador em seu nome, se tornando em muitos casos os patronos do Império.

134

Essa fronteira delimitada dentro desta unidade empírica, o principado neroniano, pode ser percebida através da leitura das fontes e da produção historiográfica que descrevem o principado deste imperador. Essa divisão arbitrária que impõe qualidades ao governo neroniano nos é apresentada de duas maneiras distintas: a primeira é através da leitura das fontes que tratam o principado, e a segunda pode ser feita através do estudo da historiografia moderna sobre o tema, fruto direto da visão apresentada por estas fontes.

Como exemplo, citamos o conjunto de biografias “A vida dos doze Césares”, escrita por Suetônio. Em sua *vita Neronis*, o autor divide o principado de Nero em uma fronteira identificada por conceitos políticos específicos. Na primeira divisão do governo de Nero, Suetônio faz referência ao “bom governo” realizado pelo *princeps*. Segundo ele, Nero ao ser aclamado imperador prometeu a distribuição de riquezas ao povo e uma gratificação aos soldados, e assim o fez:

¹⁷ Apesar de a historiografia utilizar a expressão *factiones*, utilizaremos *partes* (partidos), por ser uma expressão que encontramos nos *Anais*.



Na ânsia de dar uma idéia mais nítida do seu caráter, após haver declarado ‘que reinaria de acordo com os princípios de Augusto’, não perdeu nenhuma ocasião de demonstrar a sua liberalidade (*liberalitas*), sua clemência (*clementia*) e até mesmo sua amabilidade (*comitas*). Aboliu ou diminuiu os impostos mais pesados. Reduziu a um quarto os prêmios concedidos aos delatores pela lei Pápia. Depois de ter distribuído ao povo quatrocentos sestércios por cabeça, estabeleceu para os senadores mais nobres, porém sem fortunas, um ordenado anual que montava, para alguns, até cem mil sestércios. E, da mesma forma, às cortes pretorianas, uma ração de trigo anual gratuita. Certo dia em que o convidaram a assinar uma condenação capital, disse: “Queria não saber escrever!”. Saudou todos os membros das duas ordens correntemente e de memória. Ao senado que lhe endereçava ações de graça, respondeu: “Quando eu as tiver merecido”. Admitiu o povo nos exercícios no Campo de Marte. Ofereceu numerosíssimos espetáculos de todos os gêneros. Jogos da juventude, jogos do circo, jogos cênicos, combates de gladiadores. (Suetônio, *vita Neronis*, X).

Nero aparece aqui sob uma forte luz favorável por ter exercido suas obrigações com os grupos que constituíam a *respublica*: o povo, os soldados e o Senado. Além disso, atou como *paterfamilias* cuidando de casos que foram declarados por Suetônio como de extrema importância para Roma. Como pode ser percebido, o biógrafo enfatiza a enumeração das virtudes imperiais que Nero adotou: *liberalitas*, *clementia* e *comitas* (princípios de Augusto).

Inversamente, quando o autor passa a descrever o outro lado da fronteira do governo neroniano, passando a expor os “atos vergonhosos e criminosos” de Nero, Suetônio apresenta ao leitor um *princeps* disposto a satisfazer os seus interesses pessoais, sobretudo artísticos, transmitindo a imagem desvinculada da ideologia senatorial. Esta crítica se dá principalmente no campo artístico, onde o imperador se exibia através de aparições em espetáculos, dentro e fora de Roma.

A partir desse ponto as demais menções ao imperador se centram exclusivamente em sua personalidade e em sua forma de agir completamente autônoma, desconsiderando o Senado, o Exército e o povo de Roma, grupos que davam sustentação política para seu governo. Quando, por exemplo, viajou à Grécia para participar de um concurso de música em Corinto, o autor o criticou por negligenciar os assuntos da cidade. Outra crítica feita à figura de Nero foi relativa ao seu afastamento dos assuntos militares, visto que, segundo Suetônio, o *princeps* trocava suas atribuições militares pelas artísticas, fazendo incursões pelo império a fim de promover espetáculos e fazer concursos de canto e teatro, descrevendo a volta do imperador como uma paródia:

De volta da Grécia, entrou em Nápoles, onde estreara como artista, num carro tirado por cavalos brancos, passando por uma brecha aberta na muralha, segundo o uso dos vencedores nos jogos sagrados. A mesmíssima coisa fez em Âncio, mais tarde em Alba, finalmente em Roma; aqui, porém, entrou no carro que servira outrora aos



triumfos de Augusto, vestido dum manto de púrpura, com uma clâmide respingada de estrelas de ouro, à testa a coroa olímpica e a pítica na mão direita, enquanto as outras coroas eram carregadas pomposamente diante dele, com inscrições que indicavam o lugar, o nome dos seus concorrentes, o assunto dos cânticos e das peças em que saíra vencedor. Clauiatas seguiam o carro, como nas ovações, aos gritos de que eram eles os augustanos e os soldados de seu triunfo” (Suetônio, *vita Neronis*, XXV).

Nessa passagem extraída da biografia de Nero, fica clara a caracterização do imperador como o inverso da imagem de imperador ideal. Nero, ao invés de ser o *pater familias*, e de atuar para que as estruturas e os órgãos da *respublica* (senado e magistraturas, legiões, pretório e províncias) funcionem, passa, então, a mostrar as deficiências de seu caráter como, por exemplo: *petulantia*, *libido*, *luxuria*, *avaritia* e *crudelitas*, que se contrapõem às virtudes imperiais já mencionadas, ou seja, *liberalitas*, *clementia* e *comitas*, “componentes do repertório ideológico do Principado desde Augusto”.¹⁸

Através da leitura dos *Anais* podemos perceber que os primeiros anos do governo de Nero também foram marcados por disputas internas envolvendo sua mãe, Agripina *minor*, e seus conselheiros, Burrus e Sêneca. Segundo Tácito, “o maior trabalho, porém, que eles (Sêneca e Burrus) tinham era o de reprimir a ferocidade de Agripina *minor*”¹⁹. A ferocidade de sua mãe, referida por Tácito, foi demonstrada através das tentativas de controlar o jovem imperador.

136

Nero, muito jovem, ascendeu criminosamente ao poder em 54, graças às artimanhas de sua mãe Agripina *minor*, esposa de Cláudio, e que fora a principal articuladora do assassinato do imperador e da preparação da aclamação do jovem Nero. Desde o início do governo de Nero, Sêneca ajudou o Imperador a ocultar os seus vícios e maldades, a começar por estimular o romance do Imperador com a liberta Acte, afastando o jovem imperador dos desejos libidinosos de sua mãe²⁰, e por fim ajudando Nero a resolver junto ao Senado a impressão de que o matricídio teria sido uma obra de salvação da *respublica*²¹.

Nos livros XIII a XV, Anneu Lúcio Sêneca junto com Afrânio Burrus são caracterizados por Tácito como os controladores, até onde era possível, das paixões do jovem Imperador e das artimanhas de sua mãe Agripina *minor*. Segundo Tácito, Sêneca foi escolhido

¹⁸ JOLY, Fábio Duarte. *Tácito e a metáfora da escravidão*. São Paulo: Edusp, 2004, p. 122.

¹⁹ TÁCITO, Cornélio. *Anais*, XIII, 2, 3.

²⁰ TÁCITO, Cornélio. *Anais*, XIII, 13.

²¹ TÁCITO, Cornélio. *Anais*, XIV, 11.



como preceptor de Nero graças “a sua arte de ensinar a eloquência, e pelas graças e honesta amenidade de caráter”.²²

O autor deixa clara a influência de Sêneca durante o início do principado neroniano. Segundo ele, o pronunciamento inicial do imperador fora composto por seu tutor. Tácito afirma que “sendo obra de Sêneca, havia sido muito bem trabalhado, e era digno do gênio brilhante do autor, mui conforme com o gosto do tempo”.²³

Neste discurso inicial, Nero asseverou que:

nunca se constituiria juiz de todas as coisas, porque não podendo ouvir-se fora do recinto do palácio as vozes dos acusadores e dos réus, a sorte desses últimos viria então só a depender dos caprichos de alguns válidos. Que da sua corte desterraria a venalidade e as intrigas; e que os interesses da República haviam de ser independentes dos negócios da sua casa. Que o senado gozaria de toda a sua antiga jurisdição.²⁴

Há uma evidente preocupação em repudiar as ações vergonhosas e os abusos cometidos durante o principado de Cláudio, especialmente, no que se refere à participação dos libertos nos negócios do império e à crítica aos julgamentos *intra cubiculum*²⁵. Além disso, Nero prometeu seguir o modelo construído por Augusto, respeitando a divisão de poderes entre o Senado e o *princeps*.²⁶

A explicação dada por Momigliano para o excelente governo nos primeiros anos do principado neroniano é que de fato não foram observados os preceitos da restituição das liberdades republicanas. Para o autor, Nero geriu seu governo como uma forte corrente de tendências absolutistas, concentrando todos as fontes de *beneficium* nas mãos do soberano, os quais distribuiria por meio da sua benevolência²⁷. Aliado a esse fator, Momigliano nos oferece a interpretação de que nos anos iniciais do governo de Nero, o jovem *princeps* teria favorecido

²² TÁCITO, Cornélio. *Anais*, XIII, 2, 2.

²³ TÁCITO, Cornélio. *Anais*, XIII, 3, 1.

²⁴ TÁCITO, Cornélio. *Anais*, XIII, 4, 3- 4.

²⁵ “He also promised that he would remove freedmen from the positions of power that they had held under Claudius; the removal of Agrippina’s favorite, Pallas, within months of the accession served to show that Nero meant what he said, though his motive, as we saw in the previous chapter, probably had little to do with conciliating the senate” c.f. SHOTTER, David A. C. *Nero*. London: Routledge, 1997, p. 17.

²⁶ “That respect was made manifest by the appearance of the letters ‘EX S.C’ (*senatus consulto*), on *aurei* and *denari* between A.D. 54 and 64, to show that the use of gold and silver from the *aearium* had been authorized by the Senate” cf. WIEDEMANN, T. E. J. Tiberius to Nero, In: *The Cambridge Ancient History*. Second Edition. Volume X: The Augustan Empire, 43 B.C. – A.D. 69. Edited by Alan K. Bowman, Edward Champlin and Andrew Lintott. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 242.

²⁷ WIEDEMANN, T. E. J. Tiberius to Nero, p. 706.



certas medidas conservadoras da aristocracia, como as questões envolvendo os libertos e os escravos.²⁸

Já, em um segundo momento, Nero é retratado como uma figura manipulada por um eqüestre chamado Tigelino, homem muito ambicioso que teria incentivado Nero a centralizar o poder cada vez mais. Com isso, o Imperador teria caminhado para um progressivo isolamento, caracterizado pela centralização do poder em detrimento do Senado e do exército, culminando, em 68, com eventos que a parte preservada dos *Anais* não traz, mas que conhecemos por outras fontes: Nero foi destronado e obrigado a se suicidar. Durante essa “segunda parte” do principado Neroniano, quando Nero se encontrava sob a influencia de Tigelino, podemos observar no decorrer da narrativa dos *Anais* o progressivo aumento no número de assassinatos. Esse aumento do número de vítimas pode ser considerado como uma tentativa retórica de Tácito para caracterizar a transição de um “bom governo” para um “mau governo”, caracterizado por um Estado tirânico.

Em um estudo realizado por Fábio Araújo de Oliveira encontramos, através do levantamento do número de assassinatos divididos em dois sub-grupos, de 54 a 61, período anterior a influência de Tigelino e 62 a 66, quando Nero passa a ser controlado pelo eqüestre, um aumento significativo no número de mortes. Segundo o autor,

Comparando o número de mortes violentas por motivações políticas nos dois períodos se apresenta um claro crescimento destas ocorrências nos anos em que Tácito expôs a figura de Tigelino frente as que aconteceram quando ele estava ausente das páginas dos Anais. Temos um número de mortes cerca de quatro vezes maior. Quando comparamos um período com o outro. Em termos relativos, ou seja, mortes por ano para cada período, a desproporção é ainda mais acentuada. Para o período sem Tigelino temos uma taxa de 1 morte por ano contra 6,6 mortes/ano no período em que Tigelino está presente. Ou seja, o número de mortes relatadas é mais de 6 vezes superior em um período do que em outro.²⁹

A historiografia moderna tende a seguir Tácito no que tange às influências que esse imperador recebeu durante o seu governo. Essa tradição intelectual tende a analisar a obra taciteana tendo em vista a fronteira que envolve o governo de Nero e que compartimenta seu principado em dois momentos. A primeira parte de seu governo, nomeada por muitos historiadores como *quinquennium neronis*, teria sido positivo à medida que os vícios do *Princeps* e os excessos de sua mãe teriam sido controlados por Sêneca e Burrus. A mudança de qualidade do governo ocorre com a morte de Burrus e a afastamento de Sêneca do poder, levando ao período

²⁸ WIEDEMANN, T. E. J. *Tiberius to Nero*, p. 705.

²⁹ ARAÚJO, Fábio de Oliveira. *Nas entrelinhas da Antiguidade: Tácito e as relações interpessoais entre Imperadores e súditos*. Monografia (Bacharelado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana 2005, p. 52.



considerado como um mau governo, quando Nero teria sua administração voltada aos vícios por sua própria vontade e pela influência negativa de Tigelino.

A expressão *quinquennium neronis*, cunhada por Aurelius Victor, no século IV em sua obra *De caesaribus* (5, 2), e atribuída ao imperador Trajano, faz referência aos anos em que Nero exercendo um “bom governo” realiza grandes reformas na área urbana da cidade após o incêndio de 64³⁰. Portanto, o *quinquennium* não se referiria originalmente ao período inicial do governo, nem mesmo ao governo como um todo. Esta idéia de um período de bom governo sob Nero perpassa praticamente todas as análises historiográficas contemporâneas. Passemos, então, a examinar algumas delas.

A alternativa mais usual é dada pela idéia que teriam sido os anos dignos de elogio seriam aqueles iniciais. O texto “De Caesaribus” de Aurelius Victor refere-se a “*quiquennium tamen tantus fuit*”. Influenciado por esta tradição hegemônica de interpretação, o tradutor apresenta o texto em francês como sendo “*les cinq premières années que son règne furent si glorieuses*”³¹.

T. E. J. Wiedeman, em um capítulo intitulado “Tiberius to Nero”, situado na prestigiosa *The Cambridge Ancient History*, discute a aplicação da expressão *quinquennium neronis*. Para o autor, o programa de melhorias na cidade de Roma através de inúmeras construções, durante o período pós-incêndio de 64, foi de fato muito eficiente. Contudo, o autor ressalta que essa política de reconstrução da cidade sofreu forte oposição devido aos gastos suntuosos do *princeps*. Segundo ele

É pouco provável que a idéia de um quinquênio de Nero tenha sido inventada a fim de explicar a excelência dos seus edifícios, ou os reais (mas marginais) sucessos militares associados à Corbulão e a outros comandantes. Foi, talvez, mais uma tentativa de explicar porque muitos senadores, que posteriormente revelarão Nero como um monstro, estavam preparados para apoiá-lo por tantos anos.³²

De qualquer forma, a historiografia sobre o principado neroniano concorda que “there is one and only one clear turning-point: it is, marked by the year 62, when the joint administration

³⁰ Uma das críticas ao “mau governo” de Nero é, Segundo Scullard: “The rebuilding of Rome required money, and did Nero’s luxurious life, not mention a grandiose scheme to link. [...] He therefore imposed forced contributions on Italy and the provinces and seized what he could, not stopping short of putting to death six landowners in Africa who owned half the estates there, in order to appropriate their land”. Cf. SCULLARD, H.H. *From the Gracchi to Nero*. Routledge Taylor & Francis Group. 2001, p. 310.

³¹ AURELIUS VICTOR. *Livre des Césars*. (Texte établi et traduit par Pierre Dufraigne). Paris: Les Belles Lettres, 1975. [grifo nosso].

³² WIEDEMANN, T. E. J. Tiberius to Nero, p. 244.



of Seneca and Burrus gave place to the sole rule of Nero”³³. Ou seja, a fronteira entre bom e mau governo de Nero teria se consolidado após a morte de Burrus e o afastamento de Sêneca, que ocorrem em 62. Assim, aceitando essa divisão, de um “bom governo” de 54 a 62 e de um “mau governo” de 62 a 69, teríamos um *quinquennium* de nove anos.

Rostovtzeff descreve que Nero ascendeu ao trono de forma irregular e reafirma que durante seu governo foi influenciado por Burrus e Sêneca, de uma parte, e pela sua mãe Agripina *minor*, de outra. No início de seu Principado, ocorre o assassinato de Britânico, seu meio-irmão (filho de Cláudio com Messalina e herdeiro potencial do trono) e uma seqüência de atentados terríveis, inclusive o assassinato de sua mãe Agripina *minor* que “tentou usá-lo como fantoche no poder”³⁴. O imperador governa “perturbado por Sêneca e Burrus que o haviam educado e desejam orientá-lo como jovem”³⁵. Com o afastamento de seus tutores, Nero entra em choque com a hostilidade e o desprezo dos que o cercam. Em suma, na visão deste autor, teria sido um governo marcado pelo terror e o massacre de todos os suspeitos de não simpatizar com ele ou com seus métodos de governo.

Dentro dessa mesma lógica de interpretação da obra de Tácito, o autor Guglielmo Ferrero em uma obra publicada em 1947, intitulada *História romana*, nos oferece um capítulo dedicado ao governo de Nero e a chamada quarta guerra civil³⁶. Segundo o autor, “a riqueza, o poder, as adulações despertaram rapidamente no jovem os maus instintos até então ocultos, sobretudo seu amor aos prazeres e seu caprichoso exotismo”³⁷. As disputas envolvendo mãe e filho logo se converteram em um duelo de vida e morte. Em suma, na visão de Guglielmo Ferrero, Nero aparece como um imperador covarde que fora manipulado pelas mulheres de sua corte, Agripina *minor*, Acte e Popéia. Quando ocorreu a morte de seus tutores, o imperador se libertou e passou a combater a tradição romana, sustentada por um senado fraco, com o auxílio do inescrupuloso Tigelino.

Outra obra composta em meados do século XX e intitulada *Os Césares*, de autoria de Ivar Lissver, é composta pela história de todos os césares romanos pagãos, desde seus imediatos predecessores Mário, Sila, Pompeu e Crasso, até Constantino, o grande, primeiro imperador

³³ANDERSON, J.C.C. Trajan on the Quinquennium Neronis. *Historia*, Band XXVIII/3. Franz Steiner Verlag GmbH. Wiesbaden, 1989, p. 177.

³⁴ ROSTOVITZEFF, Michael Ivanovitch. *História de Roma*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977, p. 195.

³⁵ ROSTOVITZEFF, Michael Ivanovitch. *História de Roma*, p. 198.

³⁶ Segundo o autor, as três primeiras guerras civis seriam aquelas que opuseram Mário e Sula, César e Pompeu, Otaviano e Marco Antônio, ainda na República.

³⁷ FERRERO, Guglielmo. O governo de Nero e a quarta guerra civil. In: *História Romana*. Trad. Brenno Silveira. Rio de Janeiro: Livraria Martins Editora, 1947, p. 221.



cristão, como também por uma discussão a respeito da biografia de Nero. Segundo o autor, “O imperador Trajano afirmará mais tarde que os cinco primeiros anos do reinado de Nero foram os mais felizes do império romano. Se esta asserção é verídica, Roma deve isto a Sêneca”³⁸. Como podemos perceber, fica clara a influência de Sêneca nas ações do imperador, sendo que essas, graças ao filósofo, eram destinadas ao “bem público”. Aconselhando-se com Sêneca e Burrus, o imperador decidiu assassinar sua mãe, fato que possibilitou o aumento do poder de Sêneca e o efetivo controle sobre as ações do *princeps*. De fato, apoiando-se na idéia de um *quinquennium* feliz, Lissner reconhece que “de 54 a 59 d. C, isto é durante o primeiro terço de seu reinado que durou catorze anos, observou Nero estritamente as regras da sabedoria, da prudência e da medida”³⁹. Os crimes e as loucuras do imperador não datariam do início do seu reinado, quando estava sob a tutela de Sêneca.

Em *Os Imperadores Loucos*, de Michel Cazenave e Roland Auguet, são discutidas as representações do imperador Nero que seriam legadas pelas fontes que acabamos de apresentar, Tácito e Suetônio. Segundo os autores, sob o nome deste imperador foi construído por romancistas tendenciosos todo um imaginário de que o *princeps* seria um monstro, uma cabeça oca e barulhenta, um charlatão e um fantoche⁴⁰. Contudo, o que realmente nos interessa é a idéia de um “imaginário” que vai sendo construído a respeito de Nero e que nos leva a lembrar dele sempre que se fala em incêndio, vaidade exacerbada, crimes violentos e matricídio. Neste livro os autores também reconhecem a existência do *quinquennium Neronis*, apresentando para o leitor um *princeps* influenciado por Sêneca, Burrus e Agripina *minor*. O assassinato de sua mãe, Agripina *minor*, marca o início do verdadeiro reinado de Nero. Sêneca perde o prestígio e não consegue mais conter o ímpeto do jovem imperador. Burrus é substituído, após sua morte em 62, por Tigelino, que passa a controlar o *princeps*.

David Shotter, em um estudo intitulado *Nero*, desenvolve a crítica ao que ele denominou de “escritores modernos”⁴¹, ou seja, àqueles escritores que aplicaram o termo *quinquennium neronis* para os cinco primeiros anos do governo de Nero. Para ele, referindo-se ao historiador Aurelius Victor, o termo deveria ser aplicado aos cinco anos finais, quando o *princeps* realizou muitas atividades de construção de instalações e edifícios. Como vimos, Aurelius Victor não se referia a nenhuma data específica, mas sim à existência de um *quinquennium*.

³⁸ LISSNER, Ivar Nero. *Os Césares*. Trad. Oscar Mendes. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1959, p. 143.

³⁹ LISSNER, Ivar. Nero. *Os Césares*, p. 144.

⁴⁰ AUGUET, Roland. CAZENAVE, Michel. “Os primeiros imperadores loucos”. In. *Os imperadores loucos*. Editora Inquérito, 1995, p. 149.

⁴¹ Embora o autor não explicita. CF. SHOTTER, David A. C. *Nero*. London: Routledge, 1997, p. 14.



Segundo Scullard, Nero foi elevado ao poder aos dezesseis anos de idade graças às artimanhas inescrupulosas de sua mãe Agripina *minor* (nasceu em 15 de dezembro de 37 e foi proclamado *princeps* em 13 de outubro de 54). Sua carreira política foi marcada por disputas entre seus conselheiros, Burrus e Sêneca e sua mãe. Para este autor, após o assassinato de sua mãe, Nero “would be glad to free himself from the role of puppet-king”⁴². Nesse sentido, a imagem que o autor nos passa é a de um governante que era controlado pelas pessoas que estavam ao seu redor, porém que lutava, sem sucesso, para se libertar delas.

No entanto, apesar dessas discussões sobre os anos “bons” e “ruins” de Nerose colocarem como um debate interminável, e também para não alargarmos mais essa discussão, já que não é nosso intuito fazer a defesa desse imperador, e nem o de adentrarmos nesse debate específico e sem destino sobre os “bons anos de Nero”, nos limitaremos apenas ao que já foi exposto. Dessa maneira, o que pretendemos inferir na continuação de nossas ideias é que não devemos pensar a oposição aos imperadores como somente calcadas em críticas a “maus” imperadores. Além disso, também é possível encontrar um valioso substrato para complexificar estas análises que foram feitas sobre o governo de Nero, e que se limitaram em estabelecer fronteiras qualitativas ao seu governo.

Assim, declaramos também que pretendemos contribuir não somente com novas perspectivas biográficas a respeito desse imperador, mas também propomos uma nova visão sobre os anos em que a política romana foi dominada pelos Júlio- Cláudios. Essa nova visão será construída através da análise que possuímos da versão que o político romano Públio Cornélio Tácito atribuiu aos fatos transcorridos em dias e governos passados. Além disso, dentro de uma perspectiva maior de organização de sua obra, também podemos justificar que a procedência dos fatos, tal como nos foi apresentada, pode ser uma visão bem aceitável para compreendermos elementos da política e da sociedade da cidade de Roma.

Desta maneira, chegamos à conclusão que, através do debate realizado entre uma historiografia preocupada com a organização política e social do império romano, como Wallace-Hadrill, Peter Garnsey e Richard Saller, podemos encontrar algumas contradições entre o que nos é apresentado por estes estudiosos e algumas questões e episódios que encontramos nas fontes. Assim, encontramos a alternativa de pensarmos o principado de Nero através da “(des)ordem social”, tal como tentamos delimitar em nosso estudo sobre o principado na historiografia taciteana.

⁴² SCULLARD, H.H. *From the Gracchi to Nero*, p. 305.



Conclusão

“*Ergo dum scelera principis, et finem adesse imperio diligendumque, qui fessis rebus succurreret*” (Tac. Ann. XV, 50, 1). É assim que Tácito, em uma passagem dos *Anais*, situada no contexto da conspiração pisoniana durante o principado de Nero, introduz a discussão entre os conspiradores que apoiavam a causa do Senador Caio Píson. Essa asserção de Tácito, traduzida para o português como um debate acerca “das maldades do príncipe, sobre a total decadência do império, e o quanto se fazia preciso eleger outro chefe que salvasse o Estado”, relata o momento de tensão que as elites senatoriais perpassavam e as estratégias que pretendiam adotar, através da elevação da *domus* de um dos conspiradores à condição de *domus Caesaris*.

Delatada essa conspiração ocorrida no ano de 55, inúmeras sentenças foram proclamadas, dentre elas, por exemplo, as de Pláucio Laterano e Súbrio Flávio⁴³, que foram decapitados; e a de Sêneca⁴⁴, constrangido ao suicídio. Morreram ainda Sulpício Ásper e Fênio Rufo⁴⁵; Vestino⁴⁶; Aneu Lucano⁴⁷, Senecion, Quinciano, Cevino⁴⁸, Petrônio⁴⁹; além de outros centuriões⁵⁰. Quanto a Pisão, este senador abriu as veias antes mesmo de ter sido constrangido por Nero (Anais, XV, 59). Houve um total de dezenove mortos e treze exilados.

É importante destacar que esses grupos de oposição eram compostos muitas vezes por membros que usufruíram do *beneficium* do *princeps*, inclusive tendo como conspiradores importantes personalidades da vida pública, como Cônsules, cavaleiros e Senadores. Esta presença maciça de indivíduos que ascenderam socialmente graças ao patronato exercido por Nero nos oferece uma pista a respeito do jogo político pela disputa de um lugar mais elevado socialmente. As *domus* senatoriais, os libertos, a plebe, os exércitos, constantemente elaboravam estratégias de ascensão social. E uma dessas estratégias era se aliar a um grupo de oposição que visava substituir o núcleo de poder.

A “ordem imperial” não se dava somente através da força, da autoridade ou do patronato exercido pelo *princeps*. Existiam muitas outras questões e cálculos a serem pensados,

⁴³ TÁCITO, Cornélio. *Anais*, XV, 47.

⁴⁴ TÁCITO, Cornélio. *Anais*, XV, 60 – 65.

⁴⁵ TÁCITO, Cornélio. *Anais*, XV, XLVIII.

⁴⁶ TÁCITO, Cornélio. *Anais*, XV, 49.

⁴⁷ Segundo Tácito, esse conspirador queria se vingar do *princeps* por ofuscar a glória de seus talentos poéticos. Cf. TÁCITO, Cornélio. *Anais*, XV, 49.

⁴⁸ TÁCITO, Cornélio. *Anais*, XV, 70.

⁴⁹ TÁCITO, Cornélio. *Anais*, XVI, 19.

⁵⁰ “The knights numbered five, among whom was Claudius Senecio who had been one of the intimate friends of Nero” cf. MOMIGLIANO, Arnaldo. “Nero”. In: *Cambridge Ancient History*, p. 728.



tendo em vista que estamos nos deparando com uma sociedade composta por inúmeras *domus* que competiam entre si e que encerravam em seu interior disputas internas, tendo como maior objetivo a aproximação para com a *domus Caesaris* ou a constituição de uma alternativa a ela. Esses conflitos teriam que ser arbitrados pelo imperador, elemento de coesão e de consenso entre as inúmeras *factiones* que surgiam no seio da *respublica*. Uma *domus Caesaris* enfraquecida era uma avenida aberta para a discórdia e a sempre iminente guerra civil. Contrariamente, essa *domus* poderia, através do patronato, estabelecer vínculos de ligação moral e aumentar o seu poder. Lembrando que uma *domus* sem *clientes* era uma *domus* enfraquecida. No relato de Tácito, simplesmente favorecer a outros não era, contudo, garantia de fidelidade. Nas diversas conspirações, *domus* que receberam a atenção imperial conspiraram para a sua substituição.

Como vimos, Nero, nos anos iniciais conseguiu administrar esse jogo político, seja pelo controle exercido por seus tutores, ou pelas concessões às elites mais tradicionais que compunham o império, ou, ainda, pela fraqueza demonstrada pelo Senado frente ao poder imperial. Contudo, não conseguiu arbitrar nos negócios no interior de sua própria *domus*. Esta estava imersa em disputas pessoais envolvendo o controle do imperador. A partir do momento em que as bases importantes de sustentação da *domus Caesaris* começam a ruir, temos em cena um *princeps* enfraquecido e que se torna alvo para contestações e conspirações. Porém, como vimos, o partido de Nero ainda se mostra forte perante as *factiones* que começam a aparecer. Conseguindo, em muitos casos, estabelecer políticas de manutenção do núcleo de poder e de extermínio de seus concorrentes.

Contudo, ainda nos resta estudar se essa “ordem” era produzida ou era imposta sobre as diversas identidades sociais particulares. Daí nossa opção, que realizaremos em estudos posteriores é de utilizarmos o conceito de “fronteiras”, com o sentido de fronteiras identitárias. Assim, criamos uma bivalência, ou seja, estamos lidando com a “ordem” e a “desordem” imperial, sendo que as fronteiras identitárias, como a própria definição de fronteira nos diz, estabelecem segregação, separação ou mesmo um limite entre os grupos envolvidos. Essa segregação acarretaria no caos ou na constante busca por um consenso. E esse consenso se daria, e aqui entra outra hipótese, através dos conflitos entre as identidades referentes a cada indivíduo envolvido, através de relações sociais de caráter interpessoal que visavam criar estratégias para a criação de uma identidade de grupo, seja ela de apoio ou de oposição.

Recebido: 10/12/2010
Aprovado: 25/10/2011